

Editorial

Dá-se corpo com este volume a uma nova série da revista «O Arqueólogo Português», a mais antiga e porventura a mais prestigiada e internacionalizada revista da arqueologia portuguesa, fundada em 1895 por José Leite de Vasconcelos. O ciclo ora iniciado resulta de uma parceria, virtuosa, estabelecida entre o Museu Nacional de Arqueologia (MNA) e a Imprensa Nacional Casa da Moeda (INCM), a quem agradecemos vivamente, nas pessoas do Presidente, Prof. Estêvão de Moura, e do Director da Unidade Editorial, Dr. Duarte Azinheira.

Existem fortes e fundadas razões para que tivéssemos dado o presente passo. Em primeiro lugar, importa referir que o modelo de parceria indicado actualiza laços de colaboração que remontam ao tempo do fundador da revista e do próprio museu. De facto e como é sabido, a INCM foi a editora da principal obra publicada de Leite de Vasconcelos, incluindo aquela que resultou da actividade do «seu» museu, o Museu Etnológico Português, actual MNA. E perfazem-se precisamente no ano corrente setenta anos sobre o seu falecimento, pelo que os respectivos direitos autorais caem em domínio público, sendo por isso oportuno reconsiderar um quadro de colaboração que envolva o editor e a instituição onde se guarda a principal parte do espólio leiteano, incluindo boa soma de originais e documentação diversa, muita dela inédita.

A estas razões acrescentam-se os factores que decorrem da própria dinâmica da revista. Quase se poderia dizer, simplificando, que as quatro séries anteriores correspondem à visão que lhe imprimiram os quatro directores com mandatos mais duradouros à frente do MNA: Leite de Vasconcelos, para a 1.^a série, entre 1895 e 1938, com 30 volumes publicados; Manuel Heleno, para a 2.^a série, entre 1951 e 1964, com 5 volumes publicados; D. Fernando de Almeida, para a 3.^a série, entre 1967 e 1974/1977, com 9 volumes publicados; e Francisco Alves, para a primeira parte da 4.^a série, entre 1983 e 1990/1992, com 10 volumes publicados.

Acontece que, levando já nós cerca de década e meia na direcção do MNA, entendemos sempre, até agora, dar continuidade à 4.^a série, de que fomos responsáveis por 14 volumes, desde 1997. Expusemos nos dois editoriais que subcrevemos em anteriores números da revista (11/12 e 21) as razões desta opção, algumas de natureza circunstancial e relacionadas com a obrigação moral que sentimos inicialmente em recuperar o atraso de publicação, outras de natureza mais estrutural, já que não apenas considerávamos adequadas as características editoriais da dita série, como principalmente entendíamos, e entendemos, que uma instituição mais do que centenária como o MNA possui vida própria, à qual se devem adaptar os seus sucessivos dirigentes, e não o contrário.

Esta apreciação não deve todavia impedir a evolução e a modernização, porque na realidade a vida é feita de mudança, até no caso das instituições mais cultoras do seu passado, como é o MNA. Já em 2003, e mesmo sem iniciar nova série, tínhamos introduzido na revista diversas inovações: instituição de um Conselho Editorial, constituindo personalidades de referência na arqueologia portuguesa; retoma do conceito de artigo de fundo, entendido como «contributo preferencialmente de síntese, solicitado para o efeito, na condição de o respectivo autor, ou autores, aceitar colocá-lo à discussão por parte de um conjunto de especialistas convidados pela direcção da revista, podendo os autores, se o desejarem, redigirem uma resposta final, depois de conhecerem os comentários realizados»; clarificação da organização interna da revista, ainda que sem a introdução explícita de secções (outros artigos, colecções museológicas, com especial relevo para a publicação de colecções do Museu, notas breves, recensões bibliográficas, documentação histórica e actividades do Museu); enfim, algumas alterações gráficas limitadas, que só os mais atentos puderam detectar. Realizámos finalmente, nessa ocasião, o relançamento e reorganização, mais profunda esta, da série monográfica Suplementos a 'O Arqueólogo Português', de que até ao presente se publicaram 6 números.

Chegados aqui, atentas as crescentes dificuldades em encontrar, no âmbito da tutela da Cultura, os meios necessários à edição da revista e ponderadas as razões históricas e até simbólicas acima indicadas, entendemos que a parceria com a INCM justificaria por si mesma o passo mais audacioso em frente que representa dar início a uma 5.^a série. A isso nos compele igualmente a maior difusão livreira de que a revista passa a usufruir.

No essencial mantém-se o precedente modelo organizativo de conteúdos, conforme se indicou anteriormente. Mantém-se a periodicidade anual da revista e a periodicidade ocasional dos suplementos, os quais em todo caso se deseja poderem vir a ser um ou dois por ano. Mantém-se também a instituição de um Conselho Editorial, composto pelos mesmo especialistas, aos quais se acrescenta, por nosso convite, o Prof. Doutor João Luís Cardoso, eminente colega a quem

agradecemos a disponibilidade, como antes já o fizéramos, e agora reiteramos, relativamente aos restantes conselheiros. Identicamente se diga em relação à Doutora Ana Ávila de Melo, que continua a assegurar, com notável proficiência, as funções de editora executiva.

As maiores alterações que esta 5.^a série de «O Arqueólogo Português» apresenta situam-se por consequência ao nível da concepção gráfica e são sem dúvida importantes: formato geral e formato de manchas interiores, desenho e cores da capa, tipo e corpo de letra, etc. Trata-se de um modelo visual desenvolvido, a nosso pedido, pelos designers Beatriz Horta Correia e Miguel Gaspar, a quem igualmente agradecemos e felicitamos, os quais já antes tinham sido os responsáveis pelas modificações introduzidas desde 2003 na 4.^a série, conforme se referiu anteriormente.

Apesar da inovação, tentámos em todo caso manter laços evidentes de aproximação à anterior série da revista, tal como esta mergulhava raízes na série inicial, oitocentista. Podemos por isso dizer que o novo «O Arqueólogo Português» continuará a ser bem reconhecível na sua identidade própria, com reminiscências gráficas que retomam às suas origens.

Como sempre, não alimentamos a pretensão de termos acertado, no todo ou na parte. Outros por nós o dirão. O que, sim, podemos assegurar é que procurámos fazer o melhor, preservando e levando mais longe o legado leiteano. E só temos uma certeza, que repete a afirmação com que terminámos o nosso anterior e último editorial na série da revista que ora finda: o futuro é uma longa estrada em aberto, que outros por nós hão-de prosseguir, com espírito porventura idêntico ao nosso, se aquilo que lhes legarmos merecer efectivamente ser continuado.

Luís Raposo
Director do Museu Nacional de Arqueologia